

BACHARELADO EM TURISMO: ALGUMAS INQUIETAÇÕES.

Renata Brauner Ferreira¹

MÜLLER, Dalila²

HALLAL, Dalila Rosa³

Resumo Este texto parte de inquietações e reflexões formuladas por nós, enquanto docentes do Curso de Bacharelado em Turismo da Universidade Federal de Pelotas. Tais reflexões dizem respeito as seguintes questões: o papel da universidade na sociedade, a concepção de um curso de Bacharelado em Turismo e a formação do Bacharel em Turismo. O nosso objetivo é, então, problematizar estas questões, procurando vislumbrar possíveis alternativas de ação que sejam capazes de, simultaneamente, repensar os cursos na relação consigo mesmo, na sua relação com os outros e com a sociedade.

PALAVRAS-CHAVES: Universidade; Formação profissional; Bacharelado em Turismo.

BACHARELADO EM TURISMO: algumas inquietações

Este artigo pretende apresentar algumas inquietações de nossa prática docente, que acreditamos merecer um espaço privilegiado de discussão e reflexão. A questão sobre o papel da universidade na sociedade é uma delas e de importância central, pois, é a partir desta visão que concebemos um Curso de Bacharelado em Turismo, que construímos a idéia da formação que este bacharel deve ter e do que acreditamos ser a sua contribuição à sociedade.

Não há um conceito único e universalmente válido de universidade, nem suas funções são as mesmas em tempo e espaço diferentes. Porém, faz-se necessário tornar claro qual a visão de universidade compartilhada pelas autoras.

¹ Universidade Federal de Pelotas/ Mestre em História – UFRGS.

² Professora da Universidade Federal de Pelotas- Mestranda do Curso de Turismo da Universidade de Caxias do Sul.

³ Professora da Universidade Federal de Pelotas- Mestranda do Curso de Turismo da Universidade de Caxias do Sul.

A universidade pode relacionar-se com a sociedade de várias formas, mas vamos tomar por base que o sistema de ensino serve à sociedade na qual está inserido; e, gozando de autonomia, mantém uma relação criativa com a sociedade. Essas duas dimensões são compatíveis na medida em que a educação superior busca encontrar respostas para muitos problemas da sociedade e induz mudanças e progressos importantes (NEVES, 1992; KULLOK, 2001).

No mesmo sentido, Belloni (1992, p. 73-4) salienta que a universidade tem a função de gerar saber que seja, tanto, voltado para o avanço da fronteira da ciência, da arte, da cultura quanto para o encaminhamento da solução dos problemas atuais e prementes dos grupos sociais majoritários. O compromisso deve ser com a humanidade como um todo e, simultaneamente, com as questões imediatas e/ou com as situações específicas. Assim, este saber deve ser:

Um saber comprometido com a verdade porque ela é a base de construção de conhecimento. Um saber comprometido com a justiça porque ela é a base das relações entre os humanos. Um saber comprometido com a beleza porque ela possibilita a expressão da emoção e do prazer, sem o que a racionalidade reduz o humano a apenas uma de suas possibilidades. Um saber comprometido com a igualdade porque ela é a base da estrutura social e inerente à condição humana. Um saber comprometido com o verdadeiro, o justo, o belo é, em verdade, um compromisso com a transformação da sociedade, pois estes não são os valores predominantemente estabelecidos e praticados na organização da vida humana, apesar de lhe serem próprios e inerentes. ...de gerar saber comprometido com a ruptura e a inovação e, neste sentido, sua característica dominante é a busca do desconhecido, do inédito; por conseqüência a criação de algumas das condições para a transformação [da sociedade] ..(Op cit, p.73-4)

Paviani (1986) reforça que os conhecimentos proporcionados pela universidade devem servir para a solução dos problemas concretos que afligem o homem e a sociedade; não podemos esquecer os problemas e ficarmos apenas com a solução que

resultou deles, pois, desta forma assumimos o risco de ensinar conteúdos que já não têm utilidade ou sentido, o que contraria a idéia de que o conhecimento deva contribuir qualitativamente na melhoria material e cultural da vida humana.

Assim, nesta perspectiva ressalta-se que a universidade mais do que habilitar estudantes para atuar como profissionais no mercado de trabalho, deve formá-los homens, cidadãos e profissionais homens pensantes que busquem continuamente novos caminhos e que sejam capazes de influir sobre a realidade onde vão atuar, numa perspectiva de mudança, a partir de uma visão crítica desta mesma realidade. (FÁVERO, 1995).

Para que isso aconteça uma das propostas pedagógicas sugeridas por Paviani (1986) é a de assumir uma atitude indagadora, problematizadora; é preciso construir um programa de ensino como uma espécie de programa de pesquisa, procurando ir além da própria revisão bibliográfica e da revisão experimental de determinados conhecimentos adquiridos. Deveria se caracterizar por uma atitude crítica, uma atitude de investigação. É essa atitude voltada para o aumento do conhecimento científico que podemos denominar de problematização. O importante é ensinar o processo de investigação científica e não o resultado da ciência. Para tal, o próprio conhecimento adquirido precisa ser problematizado, ser colocado em confronto com a realidade, verificando até que ponto podemos explicar ou interpretar com esses conhecimentos o mundo que nos cerca.

A problematização como postura pedagógica visa a reconstituir criticamente o processo do conhecimento desde o surgimento até a solução do problema ou soluções que por sua vez poderão originar novos problemas. Assim, o ensinar é entendido como um modo de acesso ao conhecimento científico, enquanto parte do processo de produzir conhecimento e, ao mesmo tempo, um modo de acesso aos resultados produzidos pela ciência e ao processo de produção de conhecimento científico. Nessa visão, a concepção de ensinar consiste na orientação para a aprendizagem e o desenvolvimento do comportamento de investigar; consiste no ato de facilitar, de criar condições para que se aprenda a produzir conhecimentos científicos (SANTOS, 2001).

Para Fávero (1995) a pesquisa científica, a procura dos princípios e mecanismos que conduzam as especulações filosóficas, a investigação em todos os domínios da ciência e da cultura são os objetivos primeiros, os postulados da Universidade no mundo contemporâneo. É fundamental desenvolver o espírito de pesquisa. A formação como um processo de favorecer a aquisição de conhecimentos acumulados, acrescidos de uma

preocupação com a elaboração de elementos que contribuam para a intervenção na realidade social. A teoria é formulada e trabalhada a partir do conhecimento da realidade concreta.

Diante da conjuntura atual pela qual passa a nossa sociedade, como por exemplo, crise de alguns tradicionais setores produtivos, desencantamento com outros, o Turismo vem sendo pensado como uma possível alternativa para revitalizar lugares e captar divisas. O que nos preocupa, no entanto, é de que forma vem sendo pensada a atividade turística em termos culturais, históricos, políticos, sociais, éticos, e principalmente pedagógicos. Considerando-se o estudo do fenômeno turístico multifacetado e abrangente, entendemos ser fundamental reconhecer que a educação universitária tem o compromisso de estimular e despertar a preocupação com a pesquisa e a investigação; estimular o desenvolvimento da capacidade crítica, avaliativa e criativa; proporcionar um embasamento cultural e humanístico e a formação de recursos humanos. É essa perspectiva que entendemos que deve orientar um curso de bacharelado em turismo.

Convém lembrar que o Turismo, muitas vezes, serviu como uma forma de aumentar a concentração de renda e reforçar desigualdades. É para manter este estado de coisas que nos dedicamos a analisar este fenômeno chamado Turismo? Será este o papel que cabe à Universidade, e, especificamente, a um curso de bacharelado? Certamente não compartilhamos desta visão. Enquanto educadoras percebemos o oposto, a Universidade deve buscar uma equidade social. Em relação à dívida social da Universidade para com a sociedade, Ribeiro (2003, p.70-1) considera que: “As universidades brasileiras deveriam e não penso somente nas públicas, mas também nas particulares assumir o compromisso de lutar contra a injustiça social”.

Assim, entende-se que a Universidade não deve assumir uma perspectiva assistencialista, mas cumprir seu papel de produtora do conhecimento. Resgatar a dívida social não como um privilégio, mas como um direito de cidadania (RIBEIRO, 2003).

Pensar o curso de bacharelado em turismo na concepção de universidade, aponta para alguns princípios e condutas que favoreçam a reflexão e a busca de uma prática pedagógica coerente. As constantes inquietações e reflexões sobre o curso precisam ser uma conseqüência natural do desejo que tem a comunidade acadêmica em realizar permanentemente estudos sobre o conjunto de atividades pedagógicas, científicas e culturais que fazem parte do curso.

Nossas inquietações nasceram a partir do próprio curso onde lecionamos e onde sentimos necessidade de repensá-lo, visando ao conhecimento, à discussão conjunta e à

tomada de decisão, possibilitando uma proposta pedagógica, que contribua para a formação de um profissional que tenha um compromisso social, uma vez que temos consciência da complexidade de uma formação integral capaz de responder aos desafios contemporâneos.

Nessa visão, considerando a complexidade de uma formação que gere mudanças, infere-se a importância de discutir perspectivas frente ao curso de bacharelado em turismo a partir de uma reflexão sistemática e contínua, que permita um maior aprofundamento das atividades pedagógicas, a qual embasará rumos e valores a serem seguidos pelo curso.

Segundo Trigo (1998, p. 178) a formação profissional em turismo não está desvinculada da educação em geral, de suas novas faces, perspectivas e dificuldades.

Ansarah (2001) adverte que na educação universitária em turismo:

Infelizmente não existe hoje a preocupação voltada para a consciência crítica dos alunos, tampouco para o desenvolvimento do pensamento crítico, mas sim do imediatismo profissional, da sua experiência prática tão requisitada pelo mercado de trabalho. (ANSARAH, 2001, p. 13)

Convém também salientar Trigo (2002, p. 21) quando discute os cursos de bacharelado em turismo e diz que a academia não deve preparar profissionais apenas para o mercado, mas para a sociedade geral, trabalharmos com turismo em um país como o nosso, com altos índices de concentração de renda, violência, ignorância e corrupção precisa de conhecimentos acompanhados dos conceitos de ética, educação integral, sustentabilidade e cidadania.

Uma crítica que é normalmente lançada à Universidade é a de que ela não estaria em compasso com o mercado de trabalho. Mas o que significaria na sociedade atual “preparar para o mercado de trabalho”? De que mercado estamos falando? Em uma sociedade extremamente mutante, dinâmica como a nossa, em que carreiras e profissões surgem, se modificam e desaparecem em um piscar de olhos, preparar os estudantes para o mercado, não significa dar-lhes um prazo de validade que pode ser de alguns anos ou quem sabe expire antes mesmo da data de formatura? Lançaríamos os mesmos ao mercado, já ultrapassados, obsoletos?

Atualmente as mudanças ocorrem de maneira vertiginosa nos mais diversos campos do conhecimento, em decorrência do contínuo progresso da tecnologia e das ciências. O

dinamismo destas mutações impõe aos profissionais constante atualização e aperfeiçoamento em suas áreas de atuação. Isto se houver por parte deles consciência da responsabilidade que lhes cabe no contexto da sociedade. Em uma sociedade mutante, como a de hoje, prepará-los nos termos do mercado de trabalho seria, no mínimo, inadequado.

Afinal, como nos diz Ribeiro (2003, p. 38) “se é impossível, hoje, que o tempo se acelerou e a crise se tornou norma em vez de exceção, prever os destinos profissionais, se nem os especialistas do mercado de trabalho nem os simples leigos podem mais garantir muita coisa, por que gastar tanta energia fazendo-o? ... Não seria então melhor ... formar pessoas para a mudança, capacitá-las para a crise ...?”.

A formação que a universidade pode dar à grande maioria de seus estudantes, aqueles que nelas fazem um curso de graduação com vistas a um diploma que os capacite para o mercado de trabalho, deve levar em conta que nunca esse mercado foi tão fluido e imprevisível quanto hoje. (RIBEIRO, 2003)

Para dar um certo fechamento a esta questão, talvez fosse interessante usar as palavras de Ribeiro (2003, p. 46-9) quando diz que:

Curiosamente, levar em conta o mercado de trabalho, hoje, significa, na verdade não levar em conta o mercado de trabalho. ... não há parâmetros definidos, que não há como prever, com certeza, nada. Isso significa que a lição que o mercado de trabalho nos pode dar é, singela e paradoxalmente, que ele nada tem a nos ensinar.

Com certeza existe a necessidade dos cursos de bacharelado realizarem reflexões teóricas a respeito do fenômeno turístico, diz-nos Trigo:

. . . algumas pessoas criticam os cursos afirmando que são muito “teóricos” e pouco ligados ao “mercado”. Eu tenho uma análise oposta como educador. Os cursos mais operacionais, ou seja, mais práticos ligados ao “mercado” devem ser cursos técnicos, sequenciais e tecnólogos. Os cursos de bacharelado devem ser teóricos mesmo e penso que nossos alunos precisam ler muito mais. O bacharelado pretende dar condições iniciais para que o profissional tenha uma visão estratégica do fenômeno turístico, possa fazer um planejamento articulado e sustentável, tenha condições de exercer um trabalho de gestão e uma postura crítica e reflexiva sobre a área. Em síntese, um embasamento teórico sólido é fundamental. O conteúdo dos cursos de turismo baseia-se no tripé ciências humanas, disciplinas de gestão e disciplinas específicas. Não existe (ou não deveria existir) uma dicotomia entre teoria e prática na universidade, mas um trabalho

que garanta maturidade e conhecimento ao futuro profissional. (...) É preciso que os cursos de bacharelado em turismo exijam mais teoria de seus alunos para que justifiquem os quatro anos de aprendizagem e o título de “bacharel em turismo” ou “turismólogo”. [grifo nosso] (TRIGO, 2002, p. 20-1)

Tanto a sociedade como o mercado precisa de “gente que pense”, de filósofos do cotidiano treinados e experientes para atuar em face de novos desafios, dificuldades e oportunidades. (Trigo, 1998, p. 39). A educação deve ser centrada na capacidade do aluno pensar e se expressar claramente, resolver problemas e tomar decisões. (Op cit, p. 191)

Assim, a educação deve primar por uma visão humanística, pela valorização do ser humano que é condição inicial e postura necessária a qualquer formação. Quando as pessoas adquirem uma consciência histórica, política e cultural, torna-se mais fácil a construção de conceitos como os de mudança social e revolução, e é mais visível a necessidade de combater injustiças históricas. Em termos de mudança é preciso saber discernir entre as bases do conhecimento humano que alicerçam a ética, a educação e a política, das modas passageiras; as últimas podem ser alteradas, ignoradas e até mesmo eliminadas, as primeiras permeiam qualquer tipo de sociedade que pretenda ser justa e participativa. (Op Cit, p. 202)

Considerando o conhecimento construído durante o curso de graduação, buscamos na elaboração deste artigo refletir a nossa prática, cientes de que estamos traçando um caminho que é incerto, que aponta mais dúvidas que certezas, mas cujo objetivo é um mundo mais humano, justo e harmonioso. É com este pensamento que educamos, e é com ele que lembramos as palavras de Freire (1996, p. 86) “ensinar exige a convicção de que a mudança é possível”.

Numa tentativa de avançar as discussões por nós realizadas embora, saibamos que ainda temos vários problemas e de repensar nossa práxis é que nos propomos a construir um curso de bacharelado em turismo que contribua para a sociedade que queremos.

Concluimos que não basta repensar o curso de bacharelado em turismo isoladamente é preciso, simultaneamente, repensá-lo na sua relação consigo mesmo, na sua relação com os outros e com a sociedade, à luz da nossa concepção de universidade, da prática pedagógica e da idéia de formar mais do que profissionais, de formar cidadãos.

BIBLIOGRAFIA

- ANSARAH, Marília Gomes dos Reis. Teoria Geral do Turismo. In.: ANSARAH, Marília Gomes dos Reis (org.). *Turismo: como aprender, como ensinar*. São Paulo: SENAC, 2001.
- BARRETTO, Margarita. *Manual de Iniciação ao Estudo do Turismo*. Campinas: Papirus, 1995. (Coleção Turismo)
- BELLONI, Isaura. Função da Universidade: notas para reflexão. In.: BRANDÃO, Zaia et. al. *Universidade e Educação*. Campinas, SP: Papirus: Cedes; São Paulo: Anped, 1992. (Coletânea C.B.E.).
- FÁVERO, Maria de Lourdes de Albuquerque. Universidade e Estágio Curricular: subsídios para discussão. In.: ALVES, Nilda (Org.). *Formação de Professores: pensar e fazer*. 3. ed. São Paulo: Cortez, 1995. (Questões da Nossa Época – Vol. 1)
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- KULLOK, Maísa Gomes Brandão. Uma nova concepção de educação superior. In.: FERNANDES, Cleoni M. B. e GRILLO, Marlene (Orgs.). *Educação Superior: travessias e atravessamentos*. Canoas: Ed. ULBRA, 2001.
- NEVES, Clarissa Eckert Baeta. Funções Sociais do Ensino Superior Hoje. In.: BRANDÃO, Zaia et. al. *Universidade e Educação*. Campinas, SP: Papirus: Cedes; São Paulo: Anped, 1992. (Coletânea C.B.E.).
- PAVIANI, Jayme. *Problemas de Filosofia da Educação*. 3. ed. Caxias do Sul, EDUCS, 1986.
- RIBEIRO, Renato Janine. *A universidade e o mundo atual: Fellini não via filmes*. Rio de Janeiro: Campus, 2003.
- SANTOS, Márcia Maria Cappelano dos. *Texto Didático: propriedades textuais e pressupostos epistemológicos*. Caxias do Sul: EDUCS, 2001.
- TEIXEIRA, Rivanda Meira. Ensino Superior em Turismo e Hotelaria no Brasil: um estudo exploratório. *Turismo e Análise*. São Paulo: ECA/USP, v. 12, n. 2, nov de 2001.
- TRIGO, Luís Gonzaga Godoi. *A Sociedade Pós-Industrial e o Profissional em Turismo*. Campinas: Papirus, 1998.
- TRIGO, Luís Gonzaga Godoi. Importância dos Cursos de Turismo. *Brasilturis Jornal*. 2ª quinzena de Setembro de 2002. p. 20-21.